

## DES(CONSTRUIR) OS EMARANHADOS DA TEIA POÉTICA: O ENSINO DA POESIA ORIDEANA NO AMBIENTE ESCOLAR

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista (UNESP/ IBILCE)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe ao professor o trabalho com a leitura do poema “Rosa”, de Orides Fontela, em ambiente escolar. A leitura, conforme Cagliari (2009, p. 148), é uma “atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos”, pois é por meio dela que o aluno conseguirá formular a escrita e desenvolver suas habilidades, sobretudo o senso crítico. O reconhecimento dessa prática conduz o professor à escolha dos textos com os quais irá trabalhar. Dentre esses, destaca-se o texto literário, sobretudo o poema. Destaca-se a poesia orideana como ferramenta de trabalho, pois ela causa estranhamento, é sugestiva, o que se difere de um texto não literário e, assim, justifica esse trabalho. Portanto, ela contribuirá no desenvolvimento do aluno.  
**Palavras-chave:** Ensino; Poesia; Desenvolvimento; Orides Fontela

A leitura e a interpretação são práticas que, em ambiente escolar, devem ser aplicadas pelo professor no tocante aos seus alunos para que eles possam desenvolver habilidades, sobretudo o senso crítico. Como aponta Cagliari (2009, p. 148), “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura”, pois é a partir dela que o aluno conseguirá formular a escrita. Ou seja, a leitura é o primeiro passo para a produção escrita e ao professor cabe, assim, escolher os textos para trabalhar em sala de aula.

O aluno, ao desenvolver a leitura, sobretudo uma boa leitura, considerando esta uma leitura atenta, reflexiva, conseguirá interpretar o objeto (texto) e, em sequência, construirá o seu próprio texto, de modo a apresentar seu senso crítico e sua criatividade no plano textual.

Esta realização do processo de leitura, em dias atuais, em que a tecnologia impera com sua positividade, caso seja uma ferramenta para trabalho com a leitura, pode tornar-se um meio negativo ao prender a atenção do leitor, mas não o estimular a ler, o que torna um desafio ao professor.

Além de estimular a leitura, o professor deverá fazer com que o aluno tenha prazer por essa prática. Para despertar esse prazer, aquele deverá escolher estratégias, ferramentas, para estimular o “gosto” pela leitura neste.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNESP/ IBILCE), Mestre em Letras (Área de concentração: Teoria e Estudos Literários) (UNESP/ IBILCE), Doutoranda em Letras (UNESP/ IBILCE). Contato: jack\_cvbatista@hotmail.com.

Assim, surgem as seguintes perguntas: como trabalhar a prática de leitura e a interpretação em sala de aula? Como despertar o prazer pela leitura nos alunos? Qual o papel do trabalho com poemas em ambiente escolar? Por que trabalhar com os poemas de Orides Fontela? Esses são questionamentos que serão respondidos no transcorrer deste trabalho.

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é desenvolver no aluno a prática de leitura e de interpretação a partir do contato com o poema. Destaca-se aqui o trabalho de Orides Fontela, pois, seus poemas são sugestivos que trabalham o senso crítico do leitor, de modo a desestabilizá-lo, desautomatizando-o da leitura superficial.

Para a realização dessa pesquisa, contou-se com um referencial teórico, sobretudo com Barbosa (1986) e com Friedrich (1991) para entender as características da lírica moderna, pois a poesia orideana apresenta traços dessa lírica, como a obscuridade e a negatividade, por exemplo. Também, utilizou-se Osakabe (2002) e Lopes (2008) para compreender o universo poético da poesia orideana. Ainda, usou-se Pilati (2017) para pensar o trabalho com poemas em sala de aula e sua contribuição no processo de desenvolvimento da formação do aluno. Além de Cagliari (2009) para entender melhor o processo de leitura. Por fim, será apresentada uma proposta de trabalho com o poema “Rosa”, de Orides Fontela como ferramenta para o professor em ambiente escolar.

### **A prática da leitura em sala de aula**

A leitura, como visto anteriormente, é uma atividade fundamental desenvolvida pela escola e é a partir dessa prática que o aluno conseguirá interpretar um texto e construir a sua própria produção textual.

Para ativar a reflexividade do aluno, nesse processo, e despertar o prazer por essa prática, o texto literário pode ser a melhor ferramenta de trabalho do professor, pois a sua disposição das palavras no papel, de modo singular, causam um estranhamento, tornam-se sugestivas a ponto de desautomatizar o leitor, fazendo-o refletir e reconstruir significados.

Todavia, pode-se observar, no ambiente escolar, que, cada vez mais, a literatura vem perdendo seu espaço neste contexto. Conforme Pilati, a literatura “se reduz a um simulacro, a uma miragem anódina, a uma pálida imagem do que realmente é” (PILATI, 2017, p. 11), isto é, ela aparece, muitas vezes, nos livros didáticos como um mero instrumento de aprendizagem da gramática ou como modelo textual, muitas vezes, para

exemplificar um período literário, por exemplo. O que, o autor, nomeia como “pedagogia da leitura”, em que o texto literário é trabalhado como prática de leitura, porém não se pratica a leitura literária com intensidade que exigem as especificidades estéticas desses textos.

Ainda, Pilati aponta, destacando a poesia, que “é, em geral, apresentada aos alunos com uma aura de solenidade que apaga suas relações com a vida real das pessoas” (PILATI, 2017, p. 16), ou seja, a poesia torna-se cada vez mais distante da vivência dos alunos, o que dificulta seu debruçar sobre ela; de fato, ela torna-se praticamente inacessível.

No Ensino Médio e no Ensino Superior, não há um protagonismo do texto literário, trabalha-se a gramática ou apresenta-se o texto literário como exemplo de um período literário, apenas. De acordo com o autor, “os alunos se afastam da poesia porque ela lhes parece inacessível, banhada que está em um manto de falso eruditismo e de leitura protocolar [...]” (PILATI, 2017, p. 18). Assim, o texto literário acaba não sendo trabalhado em sua essência e os alunos acabam não desenvolvendo o gosto para a prática de uma leitura prazerosa.

No entanto, se o professor ao escolher o texto literário a ser trabalhado em sala de aula com seus alunos e levar esse texto a eles, de maneira a dar o protagonismo a esse texto, ressaltando uma leitura mais demorada, trabalhada, esse texto literário funcionará como uma ferramenta primordial, pois é por meio da leitura do texto literário que o leitor ativa o seu senso crítico, desperta o seu lado da imaginação, da criação e reflete sobre a construção e sobre o seu significado e interpreta, criando novos significados para o mesmo objeto. O que o difere de um texto não literário porque este não se mostra tão reflexivo como é o literário.

Colocado como protagonista na leitura em sala de aula, o texto literário desenvolve as habilidades do aluno, sobretudo a sua criatividade e o seu senso crítico. Desenvolvidas essas habilidades, o aluno produzirá um bom texto, resultado de uma interpretação do objeto lido. É, portanto, da experiência do objeto pelo sujeito, conforme Osakabe (2002), que se constrói o novo, um novo olhar, uma nova interpretação possível para o objeto.

Como pode-se observar, a escola é o ambiente onde se desenvolve o trabalho com a leitura e é desse meio que pode surgir o hábito por sua prática; o prazer, portanto, pela

leitura. O professor, assim, é o principal responsável por trabalhar essa prática, de modo a criar ferramentas que despertem no seu leitor esse hábito.

A partir dessas considerações, volta-se à pergunta inicial desse trabalho: como trabalhar a prática de leitura e interpretação em sala de aula? Essa pergunta pode ser respondida da seguinte forma - há duas estratégias fundamentais para o trabalho do professor: a primeira, saber escolher a ferramenta certa, no caso, escolher o texto que irá trabalhar em sala, que deve levar, sobretudo, o aluno à reflexão.

Sabe-se da importância que qualquer texto, de gêneros diversos, pode ter na prática de leitura, porém o texto literário, além de despertar a prática de leitura, ele faz com que os alunos adentrem a história. Além de fazer com que coloquem o seu conhecimento prévio na reconstrução da interpretação do texto, reflitam sobre ele e, portanto, constituem-se seres críticos, fatores que um texto “comum” (científico) pode não trabalhar essas habilidades em conjunto.

No entanto, a segunda estratégia para o trabalho do professor é saber trabalhar esse poema com seus alunos, ou seja, não fazer com que sua leitura seja superficial e mecânica. A leitura deve ser livre e construtiva, é um debruçar-se sobre o objeto e um atentar-se aos seus mínimos detalhes.

Isto é, a prática de leitura, em sala de aula, tem sido feita de forma mecânica; muitas vezes, os poemas aparecem nos livros didáticos como mero pretexto para o estudo de elementos gramaticais ou apenas como exemplos ilustrativos que representam os movimentos ou períodos literários. Isso ainda é pior quando usado apenas para o vestibular, quando cobrado.

Se o professor, portanto, não der a atenção necessária à prática de leitura do texto literário na sala de aula, a leitura do aluno poderá não ser prazerosa, a sua interpretação poderá ser restrita e superficial. Quando se trata então da leitura de poemas, como visto anteriormente, essa acessibilidade é quase nula, se o professor não destacar o seu construto e não deixar o aluno debruçar-se no objeto poético e construir as suas interpretações.

Conforme o que aqui se afirma, responde-se a segunda pergunta: como despertar o prazer dos alunos pela prática de leitura? Pois, cabe ao professor desenvolver o trabalho com o texto literário, sobretudo, destaca-se o trabalho com o poema, adentrando a profundidade do que o texto apresenta. O aluno deve refletir, des(construir) os

emaranhados da teia poética para construir a sua interpretação sem se desvincular do que o próprio objeto (poema) oferece.

De acordo com Pilati, “a poesia é, em geral, apresentada aos alunos com uma aura de solenidade que apaga suas relações com a vida real das pessoas” (PILATI, 2017, p. 16), isto é, a poesia passa a não despertar o prazer e torna-se mecânica quando trabalhada de forma a não estabelecer relações com a vida real das pessoas, como viu-se anteriormente.

Pilati afirma que a poesia deve despertar o sentido *humanizador* e cita Candido para explicar esse termo:

Entende-se aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) como um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2007, p. 35 apud PILATI, 2017, p. 19).

Assim, a função da literatura é despertar esse sentido *humanizador* para que o aluno (leitor) consiga adentrar seu universo e construir a sua própria interpretação a partir do que conhece a respeito do que o próprio objeto oferece em sua composição.

Destaca-se aqui o papel do trabalho com poemas em ambiente escolar e responde-se a terceira pergunta: qual o papel do trabalho com poemas em ambiente escolar? Como os textos literários, a nosso ver, são mais propensos à reflexividade por seu construto singular com a disposição das palavras, ressalta-se o trabalho com os poemas, pois são imagéticos, apresentam figuras de linguagem, sobretudo organizam-se de modo singular, de maneira a tirar o leitor do automatismo.

O trabalho com poemas em sala de aula não deve ser mero pretexto para o estudo da gramática e nem, portanto, apenas como exemplos de representante movimento literário por suas características, pois, como se sabe, os poemas, apesar de serem “colocados” ou postulados como pertencentes a determinado movimento literário, ele pode beber de outras fontes, isto é, pode apresentar características que estão presentes em

outros períodos literários, por exemplo: há poemas pertencentes ao modernismo que apresentam características do barroco entre outros.

O professor deve, assim, apresentar os poemas aos alunos e despertar na leitura desses poemas as características que apresentam, relacionar com outros poemas, com o conhecimento prévio do aluno sobre determinado tema discutido no mesmo poema para que a interpretação seja consistente, portanto não superficial.

Como trabalho em sala de aula, propõe-se os poemas da poeta brasileira Orides Fontela, poeta que apresenta fortuna crítica ainda discreta comparada a outros autores, mas que merece destaque, pois sua obra apresenta uma rica construção com a palavra poética. Uma poesia sugestiva e reflexiva que coloca o leitor atento a refletir sobre ela e que instiga a atenção. Tais características de seus poemas, respondem à última pergunta que foi apresentada: Por que trabalhar com os poemas de Orides Fontela? Ver-se-á essas características a seguir o que confirmará a escolha de trabalho com poemas orideanos em ambiente escolar. Nesse trabalho, apresentar-se-á um de seus poemas como proposta de trabalho em sala de aula, o poema “Rosa”.

### **O trabalho com o poema “Rosa”, de Orides Fontela: o construto de uma leitura singular**

Os poemas de Orides Fontela apresentam traços da lírica moderna, pois, segundo Barbosa (1986), a lírica moderna é obscura e de difícil acesso. Assim também é a poesia de Orides, a qual faz refletir, tira o leitor do automatismo. Por mais que os poemas da poeta Orides foram escritos em cenário brasileiro no ano de 1969, suas características são semelhantes às da lírica moderna, por sua obscuridade, pela tensão apresentada pelo arranjo poético entre categorias positivas e negativas como apresenta Friedrich (1991). Portanto, o professor deve mostrar a relação de poemas mais atuais com os tradicionais, do cânone.

Propõe-se o trabalho da prática de leitura e interpretação, em ambiente escolar, a partir do poema de Orides Fontela. Apresenta-se o poema: “Rosa” que está presente em sua obra *Poesia reunida [1969-1996]* (2006).

Observa-se o seguinte poema como proposta de trabalho em sala de aula:

## **ROSA**

Eu assassinei o nome  
da flor  
e a mesma flor forma complexa  
simplifiquei-a no símbolo  
(mas sem elidir o sangue).

Porém se unicamente  
a palavra FLOR – a palavra  
em si é humanidade  
como expressar mais o que  
é densidade inverbal, viva?

(A ex-rosa, o crepúsculo  
o horizonte.)

Eu assassinei a palavra  
e tenho as mão vivas em sangue.

(Orides Fontela, 2007, p. 49).

Esse poema causa no leitor um certo estranhamento, pois, logo de início, nos primeiros versos “Eu assassinei o nome/ da flor” (versos 1 e 2), o leitor pode se perguntar como assassinar um nome, “sem elidir o sangue” (verso 5). Nesse momento, cabe ao professor deixar os alunos refletirem, desconstruírem o poema para construírem suas interpretações.

O poema parece fazer um retorno ao tradicional, mencionando “Rosa”, porém não é a mesma rosa, essa rosa é singular, é a “ex rosa”, pois renova-se, torna-se nova a cada nova leitura, um novo significado surge para a rosa.

O poema é sugestivo. Segundo Osakabe (2002), ocorre uma experiência do objeto pelo sujeito, de modo a torná-lo particular, isto é, a poesia sugestiva abre um leque de interpretações possíveis ao leitor atento.

A poesia exige do sujeito uma atitude particular, uma experiência particular, atitude que a língua, segundo Osakabe (2002), em uma perspectiva linguística, não exige do sujeito, pois ela é representação, ou seja, o que diz é o que representa no mundo. Apesar, como visto anteriormente, a poesia deve trazer o real, mas ela não deve comunicar, isto é, ela deve ser, e nesse ser, ela faz com que o leitor, no caso, o aluno, reflita, pois ela torna-se sugestiva.

No poema “Rosa” há o uso dos parênteses que enfatizam o que se apresenta “(mas sem elidir o sangue)” (verso 5), “(A ex-rosa, o crepúsculo/ o horizonte.)” (versos 11 e 12), ou seja, esse assassinar não é o comum, ele não elide sangue, pois trata-se de palavra assassinada, a ex-rosa, não é a mesma rosa do tradicional, o crepúsculo, o horizonte, pois é o novo criado a partir do tradicional.

O professor deve mostrar ao aluno os poemas tradicionais, apresentando os poemas de autores mais recentes, apresentando que os poemas bebem das mesmas fontes, mas criam o novo, o particular.

Nos versos “Eu assassinei a palavra/ e tenho as mãos vivas em sangue” (versos 13 e 14) podemos notar que a poesia vive, mesmo que tenha morrido, ou seja, a palavra morre e nasce, transcende em significações. Já não é a mesma “rosa”, é uma outra “rosa”, seu significado transcende, não comunica, ela é.

Assim, com o trabalho com poemas, o professor consegue despertar o senso crítico do aluno, trabalhando o sentido *humanizador* proposto por Candido. A proposta deste trabalho é a apresentação dos poemas orideanos, para levar ao conhecimento dos alunos obras pouco conhecidas, mas de uma construção singular, poemas sugestivos.

Como afirma Lopes (2008) a palavra poética atrai e trai o leitor, pois a cada leitura uma nova significação, assim é a palavra poética orideana. Portanto, o trabalho com os poemas da poeta Orídes serão uma estratégia de despertar o prazer do aluno pela leitura, de modo a criar suas interpretações a partir da experiência que têm com o objeto.

Essa leitura pode ser compartilhada em uma roda de leitura, se possível, em um espaço externo à escola, um lugar aberto, que transmite uma certa liberdade de reflexão. Depois de praticada a leitura em conjunto, faz-se interessante o professor deixar os alunos fazerem sua própria leitura, interiorizando, para em seguida levantar o conhecimento prévio de seus alunos e fazer com que eles interpretem o mesmo objeto poético, o que permite mergulhar em interpretações possíveis e distintas.

A partir da interiorização e da interpretação do texto, o professor pode pedir que os alunos criem seus próprios textos. Essa forma de prática despertará no aluno leitor o prazer pela leitura, assim, o que era algo desgastante, pois mero artefato de estudo da gramática, por exemplo, torna-se algo construtivo de um prazer e o hábito pela leitura começa a ser criado. O texto literário torna-se o protagonista na sala de aula e resgata-se, assim, o papel *humanizador* que tem o texto literário.

A poesia passa a ser vivida pelo leitor, como nos versos do poema de Antonio Carlos de Brito, ressalta-se “Poesia/ Eu não te escrevo/ Eu te/ Vivo/ E viva nós!”, a poesia, portanto, despertará esse prazer pela leitura de forma mais eficaz, portanto, do que um texto prosaico, pois é singular e sugestiva e seu trabalho deve ser resgatado pelo professor e trabalhado com afinco em ambiente escolar.

### Referências

BARBOSA, J. A. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FONTELA, O. Rosa. In: \_\_\_\_\_. **Poesia reunida [1969-1996]**. São Paulo: Cosac Naify. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006, p. 49.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de M. M. Curioni e D. F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LOPES, M. A. O canto e o silêncio na poética de Orides Fontela. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/11-O-canto-e-o-sil%3%AAncio-na-po%3%A9tica-de-Orides-Fontela.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2018.

OSAKABE, H. O corpo da poesia. Notas para uma fenomenologia da poesia, segundo Orides Fontela. **Remate de Males**, Campinas - SP, v. 22, n. 22, p. 97-109, 2002.

PILATI, A. **Poesia na sala de aula:** subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. Campinas – SP: Pontes Editores, 2017.